



Visado pelo
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII • N.º 296 • PREÇO 1\$00



Aqui, LISBOA!

À hora que este número do Gaiato tiver chegado às mãos dos nossos leitores, nova alegria de primavera terá surgido nas até agora tristes paredes da Casa de Setúbal, em Algeruz.

Mais um lume novo a crapitar e mais umas dezenas de crianças a chilrear à volta dele!

Se esta nova fundação denota a força expansiva da Obra, não menos denuncia um mal latente na combalida sociedade odierna: a miséria. Quem dera que não fossem precisas mais casas deste género!

Infelizmente não foi difícil convencermos-nos da necessidade desta nova ofensiva. O Senhor Comandante da Polícia que, apesar de novo, está já muito batido nos repetidos ataques do flagelo, quis ter a amabilidade de nos fornecer os elementos indispensáveis. Primeiramente vieram os números pacientemente adquiridos em aturados inquéritos. Com as estatísticas na mão, verificámos onde estava a raíz do mal: confrangedora escassez de habitação, permanente incerteza de trabalho, elevada densidade de população. Famílias há cuja capitação não vai além de oito tostões por dia!

Não era preciso mais nada; mas outros números surgem como fatal consequência: percentagem incedível de tuberculosos, vadiagem e mendicidade humilhantes, crescente grau de criminalidade sobretudo no capítulo do estupro.

Das cifras de gabinete, desce-mos ao campo de batalha que são os bairros de pau e lata. Nada de novo: os mesmos farrapos, a mesma cara de fome a mesma falta de educação e higiene. Estava mais do que justificada a nossa presença. Deus o quer, mãos à obra!

A Obra da Rua não tem, evidentemente, a presunção de vir remediar tudo; mas não terá passado pela cidade inutilmente, se conseguir salvar uma criança, albergar uma família, matar a fome a um mendigo e lembrar aos que podem que a sua facilidade está ligada à maneira como vierem em auxílio dos que precisam.

Repartir, vai ser a nossa missão. Desfazer montes, preencher abismos, aplanar o caminho doloroso de Cristo na pessoa dos indi-

gentes, para que seja menos duro o arrastar da sua cruz. Nisto está a salvação dos abonados e dos famintos. Não se conclua daqui, que ninguém fez nada até agora. Também vi acolhedores bairros socais, casas de recuperação pelo trabalho, recolhimento de velhinhos, cantinas, etc. O próprio edifício que vamos habitar, onde estão gastos três mil contos, revela bem o carinho que tem merecido às Autoridades, a sorte dos infelizes para quem foi construído.

Nomeadamente aqui se regista o nome do capitão Mata que até ao render a guarda se bateu pela realização desta obra que era o seu sonho dourado. Todos e cada um dos pormenores lhe mereceram atenção. Na capela está espalhada a nobreza e sensibilidade da sua grande alma.

Não marcamos ainda a data da inauguração oficial, porém, a partir do dia 1 de Julho (dia e mês do Precioso Sangue do Redentor) estão abertas de par em par as portas deste Santuário de Almas, para acolher quantos ali quiserem vir desobrigar-se. Nós vamos dar a nossa saúde, o descanso, a própria vida, num constante e apagado desgaste; em troca pedimos compreensão e o superfluo das vossas casas, que é devido aos pobres e aos que têm um coração maior que as posses, pedimos um pouco de sangue para transfusões que só a Caridade cristã pode operar.

Propositadamente requisitamos só metade do que era necessário para o recheio da casa, para que o resto viesse da espontânea doação dos que desejam as bênçãos de Deus. O resto é tudo o que vai desde as toalhas do altar (2,50x0,75) até aos panos da cozinha, roupas, calçado, toalhas, escovas de dentes, arroz, açúcar, tudo. Um quadro do Coração de Jesus para a consagração da nova família logo na primeira hora etc. etc.

Vai também surgir a necessidade dum depósito, à maneira do Espelho da Moda no Porto, da Casa do Castelo, em Coimbra, e do Montepio em Lisboa. Mas primeiro ir ver.

Aos que vierem do Sul pela estrada de Alcácer, depois de Águas de Moura, estejam atentos, à ta-

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Andei uns dias fugido do vespeiro de Paço de Sousa, por ordem superior. Os Médicos querem-me dilatar a vida. Têm medo do meu fim. Cuidam que com este vem o fim da obra. Não discutimos. Obedecemos às suas amigáveis prescrições e acabou. Sim. Fugi. Como tivesse levado comigo o Morris, fazia jornadas e parava nas vilas e cidades. De propósito deixava crescer a barba para assim ter ocasião de entrar nos barbeiros. Ali é o sítio. A nota do dia é o *Património do Pobres*. Sentado na cadeira, eu era um Prior. O senhor prior. O operante fazia perguntas e ficava muito admirado por me ouvir dizer que eu não conhecia nem tinha sequer ouvido falar no tal de casas para pobres. Mas elas andam por lá. Vi cartazes. Vi Subscrições. Ouvi polémicas. Vi delas começadas. Não há hoje outro assunto. Nada que tanto encha. Nada que tanto fale. Se ainda existe a confusão, isso nasce de receios. A obra é um extra programa. Não estamos por enquanto preparados para as grandes realizações sociais. Não estamos mas caminhando para lá!

Os pobres são um capital que nunca se desvaloriza. Esta sentença vinha tal qual em uma carta amiga, de onde retirámos um cheque de seis contos, como ao tempo se publicou na *Proclamação*.

Ora nós, que a tomamos e aceitamos por boa, desejamos transmiti-la. Que cada pároco a faça sua. Neste *capital* tem tudo quanto precisa para levantar na sua

paróquia o número de casas necessárias. Por este caminho ninguém eria. O indigente é moeda forte. Quem trabalha por amor dele e só sente por amor dele, não diz; cunha. Cunha palavras. Cada uma leva a efígie de Cristo!

Tudo isto vem para dizer que cortejos não. Meus queridos colegas, cortejos não. Os que trabalham nas casas, que carregam materiais, que dão as suas ofertas; todos eles, sempre e em toda a parte, devem ser aconselhados a procurar o estado de graça, por amor da efígie de Cristo! Naquela freguesia aonde o pároco assim pense e julgue e transmita, tem as casas que quiser. Não é preciso mais nada. Cortejos não, meus queridos padres. Nunca se viu no mundo um tamanho mal. Porquê? Porque parece um bem. Eis.

Nós somos o argumento. Jamais realizamos ou aceitamos sugestões de ninguém para angariar donativos com feição espectacular. Nunca aceitamos, sabendo, quaisquer produtos das chamadas *festas de caridade*, sem escolha de pessoas, lugares e circunstâncias — nunca. Não jogamos nas lotarias. Não andamos a catar bens de mão morta. Só desta maneira se põe a Caridade ao serviço da Miséria. De outra sorte é fazê-la.

Segundo os jornais, acaba de ser entregue em Setúbal a primeira casa. Estavam as Autoridades. O prelúdio! A Rainha do Sado bem precisa que ali se toquem destas sinfonias. Costuma-se dizer muito mal das classes pobres daquela cidade e eu cá não. Dê-me-lhe casas. Que eles tenham de que dizer bem de nós e assim acabam os *maus*. Também aqui perto se fez entrega de um grupo de casas que são um grupo de amor; é na freguesia de Ermezinhe, rentinho ao Colégio da Formiga. E se fossemos a dizer mais, não haveria espaço aqui para dizer outras coisas.

Na freguesia de Gulpilhares havia seis casos de miséria urgente sentio apenas duas as casas a distribuir. Como resolver o problema? Muito simples. P.º Alexandre faz um sorteio. Naquele domingo à porta da Igreja e após oração do povo, este reúne-se à volta de uma criança, escolhida

(Cont. na segunda página)

PADRE ADRIANO

LIVRO «VIAGENS»

Lembramos a todos os nossos leitores que podem inscrever-se como assinantes da nossa Editorial. Basta dirigirem-nos um simples postal pedindo a inscrição e encarregar-nos-emos de enviar pelo correio as obras saídas do nosso prelo.

AGORA TRIBUNA DE COIMBRA NOTA DA QUINZENA

FALECEU A TI CARVALHA

Damos hoje a avançada ao cavalheiro que se propôs fazer uma via sacra na rua Passos Manuel e recolher, em dolorosas passadas, aquela dúzia de contos para a ajuda de um pobre já remediado. Vai aqui com 1.270\$00. Não sei se terá coragem de prosseguir; como, por experiência, nós sabemos quanto isso custa, daqui lhe dizemos que se não perturbe. O mais difícil e mais rendoso, já está realizado. Os nove filhos, ontem amontoados com seus pais, dormem hoje em seus leitos. Abram caminho. Deixem passar e admirem o penitente. Ele é um arquitecto. Imediatamente segue-se uma multidão; é o Pessoal da Hidro Eléctrica do Cávaco com a mensalidade 1.795\$90. Os senhores arrumem-se. É tudo gente ordeira. Logo atrás vai outra grande multidão com 881\$00; são os Funcionários dos C. T. 1. do Porto. O que aqui vai de gente! Ó procissão! Agora são meninas. Mais um bocadinho de barulho, sim, mas não estranhem. É próprio da mocidade. A reitora do Liceu Carolina Michaelis, Maria Eulália, vai com todas as suas alunas e uma casa na mão. A segunda casa. O barulhito que todas aqui fazem, é muito compreensível, nem nós pretendemos que elas se cale. Trata-se de um reparo em forma de cochico: e os outros liceus...? Ora como elas são muitas e todas sentem a mesma coisa, aquele cochichar vai muito alto e ouve-se de muito longe. Vamos a ver.

Hoje, ao que se vê, a procissão é feita de colectividades; vão aqui os Ferrovários de Vila Real com a sua cota. Também vão os Funcionários de Finanças do Distrito de Viana do Castelo. Eles pretendem uma casa naquele distrito. Não chegaram à conta, mas nem por isso deixam de merecer. Temos aqui a lista com uns setenta nomes, que realizaram 5.346\$00. De boa vontade nós pomos o resto se em Viana vier a ser possível a construção de casas desta natureza. Aqui vai o Alberto de Vila Nova de Gaia com 100\$00 do seu *Plano Decenal*. Isto é que são génios! A casa *Diniz* da Beira vai com mais 1.500\$00. Os quatro irmãos mandam a sua mensalidade. Recordar-se que já temos a casa dos *des Netos*. De Matola Rio, vem outra vez a família do costume. Também enfileira um engenheiro quase a chegar aos trinta, e a dizer uma coisa muito grave: *ainda sou solteiro porque o trabalho devidamente remunerado ainda não é infelizmente um facto entre nós. Ainda é um adverbio. Esperemos pelo verbo ser.* Esta procissão é uma coisa muito séria. Fazem-se nela grandes declarações. Agora é o Porto. O Porto antigo pelo sabor da carta e valor do cheque. São quinze contos. A casa deve ter placa: *viver, deixar viver e ajudar a viver.* Isto é o Decálogo.

Mais Porto antigo. Gostaria de dizer nomes. São homens de crédito secular que dão ao Porto o nome que ele tem. Ainda para incentivo de outros e alegria de todos, gostaria de dar o seu nome, sim, mas não pode ser. A nota desta procissão é justamente o não se saber; o *abscondito*. A casa vai ter placa: *Lar de Nossa Senhora das Dores* e eis aqui a razão: *homenagem à minha muito querida mãe que se chamou em vida Maria das*

Foi num dia dos mais frios de Janeiro de 1952. Ia a caminho do Cabeço ver as Casas dos Pobres que subiam. A rua estava encharcada. Quando me procurava livrar um pouco da lama, alguém me chama e diz que ali perto, num pardieiro velho, estava uma velhinha muito mal. Empurrei a porta que a custo e com estrondo se abriu. Olhei e não vi nada. Chamei e ouvi um gemido muito sumido. Aproximei-me e estava ali a Ti Carvalha aninhada nuns farrapos e tinha a cobri-la somente um saco velho. Perguntei o que tinha e só pude perceber que estava *tolhidinha das pernas*.

Fiz ali um acto de fé e prometi-lhe uma casinha. Voltei a casa buscar dois cobertores e dei-lhos por cima. Depois segui o meu caminho em direcção ao Cabeço e ali tracei no chão mais uma casa para ela. A casa aprontou-se e a Ti Carvalha, que não queria acreditar, foi já por seu pé habitar a sua casinha.

Poucos dias depois pedi-me um terço e que a ensinasse a rezá-lo *por vocemecê e pelas pessoas que me fazem bem*.

Assim viveu bastante tempo feliz até que a doença e os anos a fizeram ficar na cama.

Fui encontrá-la um dia muito mal e resolvi trazê-la para nossa

casa. O *Carequita* pôs um dos bois ao carro e foi buscá-la. Era Quinta-feira Santa de 1954. Que dia tão solene!

E assim esteve connosco até à hora em que o Pai do Céu a chamou. Morreu santamente. Conheceu a morte e pediu os Sacramentos da Santa Igreja e prometeu que no Céu se lembraria de nós e pedi-lhe que intercedesse junto do Pai para que à hora da minha morte tivesse o conforto espiritual que ela teve naquela hora. Os nossos rapazes quiseram velar toda a noite e foram acompanhá-la ao cemitério. Era da nossa família.

A exclamação geral do povo era que *veio a ter uma velhice feliz*. Nasceu de pais remediados. Viveu bem algum tempo. Andou por lá e teve um filho a quem fez em escritura alguma coisinha que tinha. Ele uma noite espancou-a de casa e nunca mais a quis. Só veio, com seus filhos, ver a mãe no caixão e acompanhou-a ao cemitério. Ainda bem.

Que seus filhos não lhe paguem da mesma sorte!

Ficou-nos a grande consolação de a ajudarmos a morrer bem.

Resta-nos chamar a atenção de pais e filhos para os seus deveres. Este caso, infelizmente, não é único.

PADRE HORÁCIO

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O Manuel Pinto diz numa apara de papel que Tito Manuel Pires de Carviçais, mandou 50\$00 para a Conferência depois de ter pago dois livros da Editorial. Se 10% dos nossos assinantes fizessem como aquele, outro galo cantaria... Assim, vamos-nos contentando com o que Deus quer e manda. Assinante 8052, de Ribeira Brava, 40\$00 num vale de correio. Um *Bravo* à Ribeira Brava! Laura Costa, do Porto, 50\$00. Alda de Castro Campino, de Lisboa, igual quantia. Assinante 22428, de Peralta, 10\$00. Muita atenção a esta carta: «Lamento que não me seja possível mandar mais (30\$00). O emprego que tanto desejo não me aparece... por isso com desgosto meu só posso enviar por ano insignificantes migalhas. Ando a tirar um curso de enfermagem e estou apta a avaliar o que é sofrimento e dor. É pois com o pensamento em todos aqueles que não têm quem os trate que envio esses escudos. Possam os rapazes da Conferência evitar mais doenças e sofrimentos cuidando daqueles que nada têm.» Que todos os enfermeiros e enfermeiras de Portugal a exemplo desta futura colega, aumentem dia a dia a sua devoção pelo tratamento dos Pobres internados nos hospitais. Assinante 27886, de Évora, 20\$00. Alentejo! Já tenho saudades de palmilhar as terras poeirentas e estioladas da província que me serviu de berço! Alice de Campos Barbosa, de Vila do Conde, 50\$00. *Por alma de João e Rosa* 35\$00. Para encerrar

Dores. Doze contos. Sim senhor. Brevemente vou falar com o senhor padre Manuel Mendes. Espe-

(Continua na terceira página)

a quinzena, chega-nos de Nova Lisboa, Angola, uma remessa de 100\$00 de J. M.. Senhores africanistas: apesar do calor, do trabalho e das canseiras e do tempo que voa vertiginosamente, não se esqueçam deste cantinho. Depois dum copo de whisky bem fresquinho—que até causa apetite—porque não uma ida ao Correio da localidade com os bolsos quentinhos e preencher um vale para os Pobres? Está bem? Obrigado. E até de hoje a quinze dias, se Deus quiser.

Julio Mendes

Património dos Pobres

Continuação da primeira página

para o acto. Estavam ali as seis famílias qualificadas. Aquela vai gritando. Tudo ali é emoção. Aí vem um nome. As primeiras lágrimas são dos contemplados; foi preciso ampará-los! Depois são lágrimas doutros. Finalmente, de todos. Dor e alegria são forças comunicativas.

Isto que se diz já é muito para engrandecer a festa, mas há mais. O quê? A atitude das famílias excluídas: *será para outra vez!* A justiça não faz nem deixa fazer revoltados.

Escusado será dizer que a freguesia de Gulpilhares já começou e dentro em breve vai servir os seus heróis. Quatro casas a subir ao mesmo tempo. Isto foi à porta da Igreja paroquial. Entre todos quantos auxiliam as obras, chama-se aqui a Gerência da Empresa Cerâmica de Valadares. Os párocos da Madalena e de Valadares e de Gulpilhares, ainda que digam muito, não dizem tudo...!

De vez em quando temos por costume ir visitar a *Viúva da Nota da Quinzena*, a quem entregamos um pequenino reforço. Uma vez que falamos dela, temos igualmente de lembrar aqueles Desconhecidos que no princípio se propuseram e hoje continuam com a sua cota mensal. O que faz a persistência e quão grande não é esta virtude! Todos os meses e isto há muitos deles, aí vem a devoção de não sabermos quem, dizer que a vida vale a pena e é bela e é copiosa e começa verdadeiramente no Fim!

A pequenina c sa aonde ela habita, dista da nossa uas vinte quilómetros, que o *Morris* cobre num instante. Duas pontes estão ao nosso serviço; *Duarte Pacheco e Abragão*. Quase sempre vamos por uma e vimos por outra; amo a diversidade. Como sempre, é uma hora em que ela não conta, daí que vemos as coisas tal qual. Estava ao lume a panela do caldo, que sobrava do jantar e ia fazer a ceia. Tirei o testro. Peço uma colher. Mastigo. A viúva explica; é um *caldinho muito bom* e com toda a simplicidade, conta de uma doença que teve e vai buscar caixas e frascos de remédios: *olhe eu nem acabei isto*. Já como os ricos, também os pobres deixam em meio as receitas. Voltamos ao *caldinho*, por ser remédio que todos nós compreendemos e de que muito gostamos. Estava ali a panela sobre as cinzas da lareira. Segundo ouvi, o caldo tinha levado um bocadinho de carne de adubar e azeite. A viúva explica aquele luxo: *é por causa da minha doença*.

A seguir, quer que eu cheire. Eu já tinha provado, mas ela deseja que eu use outros sentidos: *ora cheire*. Depois, indica outra preciosidade do caldo; arroz. A viúva, também lhe tinha posto um nadinha de arroz.

Dali passamos ao sobrado. Chega da fonte uma sua filha, trazendo na mão um cântaro de água. Debaixo da cama há uma rima de batatas, tiradas ontem da terra: *são da nossa horta*. Enquanto falávamos, ela vai a uma caixa, abre o escaninho e tira maços de cartas. Vê-se nelas o timbre da Obra da Rua. Dentro de cada uma, há uma folha de papel, do nosso papel aonde o rapaz encarregado escreve e assina, quando faz a remessa mensal. Eu vi. Eu li. Mais persistência. O rapaz não se descuidava nem se enfada. Todas e cada uma das cartas começam assim: *com os nossos cumprimentos*. A viúva torna a meter na caixa aquele maço de cartas. Não se trata de papéis. Cada uma foi uma mensageira. Conservam o perfume daquela hora.

E tudo isto se faz com cinquenta escudos por mês. Tanta abundância! Tanta alegria! Tanta vida! Temos outras viúvas que se remediavam com a mesma sorte, algumas delas ocupantes do Património dos Pobres. Não sei de capital que mais renda. Aqui se aprende e observa o milagre da multiplicação. Por mais que isto confunda as leis da economia, a verdade é que estes pequeninos auxílios causam a suficiência de um lar; e são a verdadeira riqueza da Obra da Rua.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA As motas e os carros de pau continuam. Vão-se os pregos, a madeira e a paciência dos carpinteiros.

Pensava que isto era sol de pouca dura, como disse no número passado, mas não. As esmorradas aumentam e os carros multiplicam-se. Só quando algum tiver de dar entrada no hospital é que talvez acabe este estado de coisas.

— Como os nossos amigos sabem e eu já aqui disse temos cá pombas e os columbófilos, que tratam delas nas horas de ócio. Têm-se, multiplicado bastante. Tanto que os principais animadores, Abel e Carlitos estão dispostos a vender borrachos.

Têm entrado em concursos, as classificações são bastante fracas, mas a verdade é que têm chegado todas. Quando há concursos, lá está a malta de nariz no ar.

Quem vir e não perceber do que se trata dirá, que estão a ver o balão, mas não: ver sim a chegada das pombas. Os nossos superiores também são admiradores deste interessante desporto.

— Fala-se agora do hoquei. Os mais pequenos e os médios andam a disputar um renhido campeonato de hoquei. Este jogo é bastante perigoso, pois cada um está com seu stik na mão e quando as coisas não estão a correr de feição...

São oito os grupos concorrentes, que esperamos cheguem ao fim deste renhido torneio completo: Paredes, Infante de Sagres, S. N. E. C. I., Salgueiros, Tomar, Sintra, Paço de Arcos, Vigorosa.

Damos em seguida, os resultados dos jogos até agora realizados para os senhores verem o interesse e importância deste campeonato: Salgueiros-Paço de Arcos, 1-1; Sintra-Vigorosa, 1-1; Paredes-Tomar, 2-2; Infante-S. N. E. C. I., 0-0; Salgueiros-Tomar, 2-3; Sintra-Infante, 2-2; Paredes-Paço de Arcos, 4-1; S. N. E. C. I.-Vigorosa, 2-1; Paredes-Infante, 1-6; Vigorosa-Tomar, 1-3.

Ora os nossos leitores façam o favor de ver se é ou não um torneio de arrazar os nervos.

— Temos tido muitas visitas, tanto aos dias úteis, como aos domingos. À medida que vamos entrando no verão, também os visitantes vão aumentando, tendo os ciclerones tarefa esgotante. Com isto tudo, alguns deles esquivam-se, mas para esses há um remédio muito especial. O *Gaiato* que o diga, que rapou os caracóis e anda agora com a carequinha ao sol...

São casas comerciais, liceus, colégios, etc., que vêm até nós, trazendo parte deles grupos de futebol para jogarem com o nosso. Ainda a semana passada derrotamos os do café Dragão por 11-1.

Mas os nossos amigos que me estão lendo não se assustem podem continuar a vir, pois em paga, comemos em Braga, como noutra sítios deste periódico dizemos, pela medida de S. Miguel...

Todos os dias temos entregado nos correios, encomendas de livros para toda a parte. Escusado será dizer que o que anda na baía, é o novo «Viagens».

Os amigos mais interessados, podem ainda fazer os seus pedidos, pois ainda podemos satisfazer bastante. Se é por causa da «massa», não se atrapalhem. Nós esperamos. O que nós queremos é que sejam muitos a ler e meditar a sua doutrina.

Ainda podemos também, atender aos pedidos que venham a ser feitos para o Barredo, também ainda não está esgotado!

O que pedimos é para os senhores se mexerem, para os trabalhos não se acumularem. Agora a maré é ótima!...

— Faiscadel! O Faisca pequeno, irmão do Orlando que agora se encontra no Lar da Coimbra, deu-se também em farsa...

Como é vendedor do Famoso, guardou algum dinheiro da venda deste e... toca a comprar cigarros, para si e pros amigos, mas foi descoberto e foi o cabo dos trabalhos...

Tentou escapar-se a todo o tranze, aldrabando, contra os colegas, mas já era tarde.

Assim, eles os amigalhões, fumaram desta vez de sarrafo... Mesmo não tinha piada nenhuma fumar sempre da mesma maneira...

— Esteve na aldeia durante os dias 18 e 19 a Inglesa, Miss Turner, que, depois de percorrer a Espanha e França de bicicleta, anda a conhecer os pontos principais do nosso País, a cavalo.

Chegou aqui por volta das 10 horas da noite de Quinta-feira 17.

Estava a malta a deitar-se, estando uma grande parte na cama, mas mal deu fé, toca a pular da cama para fora: uns debruçavam-se nas janelas, outros vinham prós avenidas, fazendo uma algazarra medonha, outros abeiravam-se da dita Senhora, massacrando-a com perguntas, enquanto outros faziam festas ao cavalo, que era bastante grande.

Viu as camaratas, oficinas, Tipografia, escritórios, casa da lavoura, Casa Mãe, Capela escolas, tudo, ficando a gostar muito.

Nas horas de ócio era só ver a Miss Turner e a multidão atrás, fazendo os seus comentários. Ao almoço não se falava noutra coisa. Era o caso do dia.

Foi-se embora contente e a malta também o ficou, por ter o prazer de a conhecer.

Daniel Borges da Silva

Festa do Corpus Christi

Quinta-feira nove de Junho. É neste dia, que toda a Igreja se une no altar do sacrifício, para celebrar a grande festa litúrgica, o Corpo de Deus. Aqui nunca podia faltar. Assistimos juntamente com os nossos irmãos do Lar do Porto, ao Santo Sacrifício da Missa que foi solenizado com cânticos apropriados, pelo nosso orfeão. O Pai Américo é que foi o feliz celebrante, tendo a ajudá-lo o Senhor Padre Carlos. Percorremos assim, em pensamento, o caminho percorrido por Jesus, até ao Calvário. A missa é a recordação da Paixão e Morte do Nosso Senhor por nosso Amor.

Acabado este acto, turnos de meia em meia hora, faziam guarda de honra ao Santíssimo exposto, na nossa capela. Isto até às onze e meia, altura em que foi a adoração geral.

Rezamos o nosso terço. Em cada mistério, o Pai Américo ia-nos dizendo da solenidade da festa, comunicando-nos a palavra divina.

Acabado este, saiu a nossa procissão, que percorreu as nossas avenidas, passando em frente das nossas casas, que se encontravam enfeitadas com colchas, para que o Senhor abençoasse a nossa obra e seus desígnios. Presidia o nosso Pai Américo. Os irmãos mais velhos pegavam ao pálido, o nosso orfeão cantava e a banda dos Bombeiros Voluntários de Cete, regida pelo Sr. Emídio Barbosa fazia-se ouvir. Foi em retribuição do nosso orfeão ter tomado parte nas festas em honra de Santa Cruz, na mesma freguesia, que esta Banda veio à nossa aldeia, o que sinceramente agradecemos.

Depois disto, o Pai Américo foi almoçar com os presos da cadeia de Penafiel, levando para cada um, um maço de cigarros e uma caixa de fósforos.

Isto para que estes nossos irmãos tenham gosto à vida, se lembrem que são seres vivos, de corpo e alma.

Não podíamos também, deixar de lembrar os nossos antigos colegas, que se encontram espalhados pelos cinco continentes, nas cadeias, colónias penais. Que o Senhor os ajude e ajude se eles quiserem e lhes aumente a fé.

Daniel Borges da Silva

LAR DE LISBOA Já há bastante tempo que os nossos leitores não tinham notícias nossas, mas como quem é vivo sempre aparece, aqui vão elas.

— Acabaram as aulas, e tanto eu como o Castilho fomos admitidos aos exames finais. Se Deus nos ajudar e passarmos, vou eu para o 3.º e ele para o 2.º.

— A venda do jornal do Lar está um pouco em baixo e se os nossos caros leitores não nos ajudam, não fazemos o dinheiro necessário. O Senhor Padre Adriano autoriza que uma vez por mês vamos ao futebol ou ao cinema, se fizermos uma venda que se veja.

Pedimos às pessoas que vão à missa ao domingo mais atenção para nós ao entrarem ou saírem da Igreja, onde à porta está, sempre, um a vender o «Famoso».

Atenção a S. Domingos, Mártires, Coração de Jesus, Encarnação e Pena, pois lá estamos à espera dos nossos amigos.

— O Octávio foi ao Porto representar o nosso Lar. Saiu-se muito bem e levou muitas palmas. À volta passou por Coimbra, onde viu a sua querida Mãe.

— Na passada semana, alguns dos nossos fizeram anos, sendo festejado o nosso aniversário na companhia do Senhor Padre Adriano.

Temos mais dois prestes a fazer anos, um é o Edgar e o outro o Castilho.

— No dia 10 como não trabalhámos, fomos todos para o Tojal, na ideia de levarmos o dia a brincar, mas assim que o Senhor Padre Adriano nos viu, pôs-nos uma enxada nas mãos para irmos limpar, das ervas, o caminho que leva à quinta. Mas a meio da empreitada, chegaram alguns alunos da Escola Patrício Prazeres e então, depois de autorizados, fomos jogar, todos, um desafio de futebol.

A nossa Conferência — A nossa Conferência continua muito pobre. É certo que temos recebido alguns donativos, mas como o dinheiro se fez para girar, assim que entra sai. Por isso pedimos aos nossos leitores amigos, que se não esqueçam de nós.

Temos a agradecer o envio de 100\$, 250\$, 40\$ e por fim mais 100\$ que já lá vão.

A nossa pobre da Madalena está um pouco melhor, quanto à ajuda de dinheiro, pois já tem quem a auxilie a pagar a renda do quarto.

Peço que nos auxiliem por amor aos pobres, que é o mesmo que por amor de Deus.

Com isto termino, pedindo as bênçãos do Céu para todos vós e até à próxima.

José Cascais Martins

— Fomos a Braga —

Fomos sim senhor. No passado dia 12, fomos visitar a Bracara Augusta, cidade dos arcebispos.

Foi o nosso grupo de futebol, o Senhor Padre Carlos e mais alguns para encher a camioneta.

Partimos daqui às sete horas da manhã, todos muito bem dispostos. Ou não fosse para passear! Depois de passarmos por lindos montes e verdes ramagens dos campos em que o Douro e Minho são férteis, chegamos a Braga às nove.

Toca a sair da camioneta, ir dar uma voltinha pela cidade e às dez estávamos no Estádio 28 de Maio para jogar com um misto das categorias inferiores do Sporting Clube de Braga.

Trouxemos uma casaca de 4 sem resposta com que nos brindaram os nossos amigos do Sporting local. Não admira pois os nossos adversários estavam sem dúvida mais bem preparados técnica e fisicamente e era a primeira vez que o nosso grupo jogava em campo relvado e de dimensões de categoria internacional.

Alinhámos: José Teixeira; Quim, Augusto e Luís de Carvalho; Domingos e Nicolau; Serafim, Daniel, Rui, Cândido Pereira e Banana.

O nosso grupo actuou em toada muito fraca, vacilando principalmente na defesa. Dos médios, Nicolau foi o menos mau e os avançados estiveram quase todo o tempo a secar.

De salientar a correcção posta na luta pelos jogadores do Sporting Clube de Braga, um dos clubes mais em destaque no Desporto Nacional.

No meio disto tudo, a rapaziada ficou contente por ter actuado num dos maiores e mais belos estádios de Portugal. É de facto uma obra maravilhosa de harmonia. Com o relvado dá-lhe um colorido formidável.

Daqui fomos para a Igreja dos Congregados para assistirmos à missa e fazermos um peditório, tendo os estudantes tomado conta da capa que o Sr. Padre Carlos levava.

SE DESEJA MANDAR CONFECIONAR
TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

Muito Importante

Resolvemos fazer deste cantinho o veículo de notícias necessárias aos interessados no problema de construção de casas para pobres; o qual, por muito desconhecido, vem causando uma série de mal entendidos. Por isso, tornamos a dizer que o Património dos Pobres é uma obra eminentemente paroquial. É uma obra da Igreja. As somas de dinheiro que nos confiam, nasce justamente deste nosso conceito. Até mesmo os que se declaram ateus, põem toda a sua confiança e entregam-nos cada vez mais dinheiro justamente por saberem o seu destino, tal a força da Igreja. Não atendemos comissões nem lemos cartas, aonde o pároco não venha à frente. Não podemos moralmente fazê-lo. Estamos ligados a um propósito. Entregamos à Igreja. Ela é fiel e a todo o tempo nos faz justiça. Os vicentinos, membros activos da paróquia, sentindo que o seu pároco não quer a obra, não prossigam nem ateiem. Esperem melhores tempos. Por seu lado, um pároco que receba ordem superior para não aceitar a obra como da Igreja, tenha a paciência de ficar muito quietinho até que o mundo se volte. Se Câmaras, são tudo pontos de vista. De resto foi sempre assim. A história está repleta. As linhas tortas são sempre e em toda a parte aquelas que o nosso bom Deus escolhe para escrever direito.

Por falar em cima em Comissões Paroquiais, temos obrigação de chamar para esta coluna a da freguesia de Cacia. Primeiramente é genuína; o pároco está no seu sítio. Segundo é extraordinariamente amorável. Trata-se de um album artístico, letras de ouro, fotografias com aspectos da mansarda primitiva e habitação actual. Tudo ali é amoroso. Anda ali um grande dedo. E vão fazer mais. Nós não podemos faltar de maneira nenhuma com o cimento.

Para os filhos de seus protegidos, vão oferecer umas colónias de férias na Serra da Falperra, em acampamento.

Estão aqui durante um mês onde levarão dois turnos de crianças, de 50 cada.

Muito agradecidos ficamos aos Vicentinos de Braga e ficamos pedindo ao Senhor que lhes comunique mais força, para continuarem a espalhar a Sua Palavra e Suas Obras.

DANIEL BORGES DA SILVA

AGORA Cont. da segunda Página

ra-se que tudo seja possível e dentro de pouco tempo tenhamos realidade:

«Creia que no dia em que souber a casa pronta, e que algum pobre está a gozar o conforto merecido de um lar, e que até então não tinha, será para mim um grande dia.»

Outra vez os quatro irmãos com a sua mensalidade de 200\$00.

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** No dia em que o Avelino foi parar à Casa de Miranda, abriu-se a porta de um asilo para uma sua irmã mais pequenina. A doença do pai e morte da mãe, dera-lhes a orfandade. Muitos anos são decorridos desde aquela data. Chega a hora e Avelino casa-se, consoante foi aqui dito em um dos últimos números. No entretanto, tendo chegado o tempo, foi por ela ao asilo, uma sua madrinha. Enquanto prepara as coisas para a festa, o irmão escreve e convida a sua irmã. Esta aceita e aparece. Vem sózinha. Tem vinte anos. Depois daquela separação de que não deram fé, porque tenros de idade, depois dessa data, digo, é a segunda vez que se encontram. Doze anos de ausência!

A Maria Luiza, que assim se chama a orfã, vem muito fraquita. Não tem apetite. O irmão fá-la ir ao médico, que lhe dá tónicos. Uma semana depois, a pequena tinha aumentado três quilos. Viviam no novo lar de seu irmão e amizade da cunhada. Tudo muito bem, mas levanta-se o problema: a Maria Luiza fora convidada para a festa e nada mais, por isso naquela tarde o orfão dirige-se à orfã: *são horas.*

Até aqui temos tido a simples narrativa de um acontecimento trivial e ora entremos no profundo. No mistério das almas. Nas realidades escondidas, que fazem chorar e tremer. A Maria Luiza escuta o seu irmão e responde: *deixa-me ficar ao pé de ti.* É parece que não; que não devia ter dito assim. Pois se há tanto tempo afastados, uns quase desconhecidos. Vinte anos de idade com seus hábitos, seus costumes, suas relações, suas ideias. Mas não. Fala a orfandade. Apresenta-se o berço. Brincaram os dois em pequeninos! O bafo da mãe apareceu naquele momento. Abre-se o coração dos dois às gratas recordações. Resultado: *deixa-me ficar ao pé de ti.* Neste momento, os sogros do Avelino tomam a palavra e declaram o desejo de receber a Maria Luiza no lar e nas vezes da filha que se casou.

Neste momento, Avelino vem buscar a mim a última palavra. Eu sou a fonte. A Maria Luiza ficou a trabalhar na costura da Casa do Gaiato.

Meus senhores e minhas senhoras: *apareceu no mundo a Bondade e a Piedade.* O que o Apóstolo disse outrora, vale e é hoje. Estas são as duas pedras vivas sobre as quais se constrói o movimento social cristão. Delas é que procedem as boas notícias. É preciso encher o mundo. Façamos das almas escondidas e dê-se publicidade a estas grandezas que nos mostram o nosso destino. A Maria Luiza. O Avelino. Os sogros deste. E por último, que não o mais pequeno, a Casa do Gaiato, campo imenso de realizações aonde o Divino se mostra.

*** Hoje entrei no escritório do Júlio. Com este trabalhavam Manuel Pinto e Joaquim Gomes. Este escritório é a coluna vertebral, não só pelo número de rapazes que ali entram a dar notícias e a receber

instruções, mas também porque, sobre um banco, temos ali o telefone e é por intermédio deste que se dão e se recebem mensagens de todo o mundo. Ora estava eu no centro e no melhor da barafunda, quando o retinir do telefone chama. Joaquim Gomes vai acudir. Ele é um rapaz de dezito anos. Por resposta a quem de longe perguntava, ele responde e ouço: *é um Gaiato.* Um gaiato vivido, sentido e declarado pelo próprio. Pudera ter dito um empregado, um rapaz, o Joaquim Gomes; qualquer coisa que indicasse presença mas isso era impossível. Era o abstrato. Não enchia nem satisfazia a glória por isso mesmo — *é um Gaiato.*

São do escritório imediatamente e procuro um lugar aonde estivesse só. Sôzinho. Eu e tudo quanto tem passado e passa dentro de mim. Que mundo! Fui buscar as dificuldades daquele tempo, quando pretendi introduzir a palavra Gaiato como nota dominante da Obra. As cartas que por esse tempo recebia. Os reparos superiores, quando o nome houve de ser posto em papel selado; *isto não pode ser.* Mas foi. Mas é. Se hoje tirassem de Portugal o nome e as casas e a revolução, tínhamos Vazio na alma dos portugueses! *É um Gaiato!*

*** O livro *Viagens* anda por lá. Como a mim me tivessem parecido que o dinheiro não entra em relação ao que sai, chamei o Júlio. Este chama Manuel Pinto, o encarregado da secção de livros. Realmente não se morosidade. Júlio, porém, não se aflige. Acha, até, um caso normal e por palavras e sobretudo ideias dele, explica. Júlio é um observador. A nossa confiança nos leitores, não será de maneira nenhuma frustrada, e refunda, no fim, na certeza, diz ele. Então quê? Nada. É que os nossos verdadeiros amigos são homens que comem o pão com o suor do seu rosto. Tanto assim que é justamente nos primeiros dias de cada mês e isto todos os meses que eles se desbrigam adivinhá-se um lar bem ordenado, aonde são chamadas todas as forças e se fazem as contas e se retira o que pode ser a fim de tudo se remediar. São os valores sociais a darem préstimo e nome à Casa do Gaiato. Estes compradores do livro, lêem-no todo. Também eles necessitam do valor e do préstimo da Casa do Gaiato. A nossa obra é deles. Nós, damos-nos a mão. As cartas mais humanas que dia a dia recebemos, são desta classe de Homens que nos pedem com devoção para acudirmos aqui e ali, casos que eles desejariam mas não podem resolver. A nossa obra cai-lhes no coração.

Quando foi da festa do Coliseu e que se mandaram vender bilhetes os vendedores do jornal, a maior parte diziam — *volta no fim do mês.* Palavra honesta, de um homem honesto aonde o dinheiro tem de ser honesto. Os da abundância não nos conhecem. Fazem vida alta. Têm tudo quanto querem; e daí no fim: — *já recebeste a tua mercê.*

*** Ao falarmos acima de cartas recebidas, nós queremos dizer aqui

de algumas quase desesperadas e que por pouco não insultam. Quando assim é, vou chamar o padre engenheiro para o tornar participante. O suposto insulto e o quase desespero destas cartas, são uma revelação dos grandes erros sociais postos em prática e em plena produção. Produzem disto. Muitas vezes, aquele ou aquela mesmo que vem até junto de nós com as feridas por curar, já esteve segundo diz, na Presidência do Conselho e no Patriarcado e no Paço Episcopal e no Governo Civil e nas Caixas e na Defesa da Família, tudo como vem a dizer naquelas cartas, a favor das quais somos incapazes de agir. As feridas permanecem.

Nós nem sequer podemos atender ao assunto que é da nossa conta — o Rapaz Abandonado. Não podemos, de tantos. Por isso deixamos aqui a nossa imensa simpatia pelo grande mundo dos insatisfeitos e quase desesperados. Pedimos que não nos julguem, pois que o não responder não significa esquecer.

*** Segundo o cronista dos Açores, anda-se ali na colheita do chá e Padre Elias quer mandar uma prova às Casas do Continente. Vamos tomar chá dos Açores, cultivado em Ponta Delgada na quinta da Boa Vista aonde é hoje a Casa do Gaiato. Por sua vez Padre Flusino, pretende tirar arroz da quinta de Setúbal e fornecer às mais casas. São muitos hectares desta preciosa cultura. Vamos comer arrozinho. Quanto a trigo e azeite, procure-se na Casa do Gaiato do Tojal, se não chega para os outros, dá com fartura para os que lá estão. Subindo para o Vouga e depois de atravessar o Mondego, temos quase nas suas margens o Padre Hoácio, costelas de camponês, que já tem azeite, mas está determinado a cultivar milho e frutas e vinho para os seus rapazes. Continuando e depois de atravessar o Douro, vem a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde nada chega a nada, excepto o vinho. Esse tem sobrado. Um nadinha mais acima, temos a Casa do Gaiato de Beire. Trabalha-se ali com toda a força. O povo da freguesia, não cabe em si de contentamento, pelo nome que a nossa terra vai agora ter. Todas as forças se dirigem para a cultura. Em Setembro teremos já as instalações próprias para uma dúzia de vacas. Os campos precisam de ser fertilizados e nada como as nitreiras. Por isso, se chá nos Açores, se arroz em Setúbal, se trigo no Tojal, se azeite em Miranda, se vinho em Paço de Sousa — milho em Beire.

*** Tudo muito certo, menos o futuro dos que se dedicam aos trabalhos agrícolas. Verdaderamente falando, não há dedicações. Depois de tantos anos e tirante o António Sérgio, temos apenas um rapaz que se declarou pelos trabalhos do campo. Estava colocado no Porto e deixou o seu lugar para seguir a lavoura. É um só. Temos um só. Se bem medirmos as coisas, eles têm razão. Ninguém que mais se queixe. Ninguém que

mais sofra. Ninguém que mais espere. Se na verdade somos, como dizem, um país essencialmente agrícola, temos justamente as maiorias nesta feição da vida, e estas as mais desamparadas! Sim. Eles têm razão. Começam agora a chegar à África os seus antigos companheiros bem vestidos e bem tratados. Outros seguem periodicamente com bons contratos. Os das oficinas gozam de outros privilégios. Fazem menos horas. São mais felizes.

Vamos começar em Beire e que havemos de fazer aos rapazes daquela quinta, quando cada um chegar à idade madura? Aonde e como dar-lhes arrumo? Que vai ser do seu actual nível de vida, quando mais tarde chegarem ao zero de moços de lavoura? Temos de começar com estes pensamentos argustiosos. Também a gente se queixa e sofre e espera. Ninguém tem mais terras de agricultura nem necessidade de braços para ela do que os portugueses. Se longe se perto não importa. Hoje não há distâncias. Vamos começar.

*** Tenho aguardado o leite por uns dias. Foi num pé. Hoje um pé. Amanhã ou ros membros e depois tudo. É bom compreender assim a vida e preparar-se um para a morte! Antoninho o meu refeitoreiro, leva-me de comer aonde quer que eu esteja; se no quarto, no quarto. Entra com o tabuleiro, vai colocar sobre uma mesa ao fundo, volta-se e pergunta-me se cheira bem. Eu digo que sim, mas ele não se contenta. Não se fica no indefinido. Vai ao concreto: *a que é que cheira?*

Antoninho apresenta-se irrepreensível no seu avental branco e dentes lavados. Coloca sobre o meu leite e à minha frente a pequenina mesa e enquanto me serve aí vem um reportório de novidades. Vai dizendo o nome dos cozinhados e quem foi que cozinhou. Confronta o saber dos três cozinheiros. Insiste e ateu a: *ande, coma.* Eu também insisto e ateimo: *come tu.* Tão diversos na idade; tão distantes das terras aonde nascemos; tão longe e tão desconhecidos; e ora tão juntinhos. O que faz a Caridade! O que seria o mundo sem a Caridade. Basta uma centelha desta para erguer muito alto os milhares de leitores.

*** Nas suas conversas, Antoninho revelara-me que tinham nascido patinhos e também tinham nascido muitos pintalinhos, e propôs ir buscar uma coisa e outra. Eu cá disse que não. Primeiramente pela experiência que tenho; quando assim é, eles colocam-me a criação sobre a cama e o resto já se sabe...! Segundo, porque Antoninho estava a servir o jantar. Não foi, sim, mas não tardou que viesse. Eram dois cestos. Num os pintalinhos, noutro os patos. Veio ele e os das capoeiras e os dos refeitórios. O que foi aqui no meu quarto, só visto! Ninguém pode ter mão. Ou damos ao rapaz estas naturais expansões, ou colocamo-lo num mundo que ele não quer nem lhe é devido.